

Como ler as independências 50 anos depois

MARGARIDA RIBEIRO

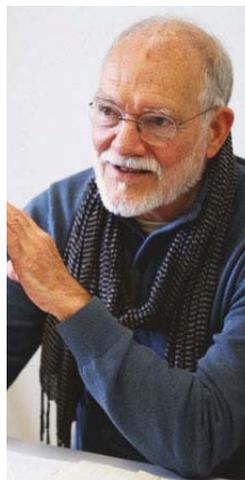
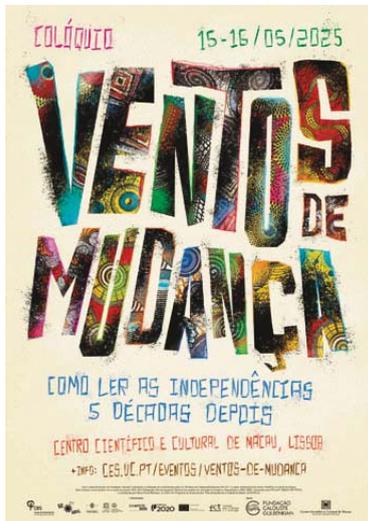
❏ O Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e o acolhimento do Centro Científico e Cultural de Macau, organiza nos dias 15 e 16 de maio de 2025, em Lisboa, o colóquio “Ventos de Mudança – Como ler as independências 5 décadas depois”, sob coordenação de Maria Paula Meneses, Margarida Calafate Ribeiro, Miguel Cardina, Marisa Ramos Gonçalves, Natália Bueno.

O colóquio insere-se nas comemorações dos 50 anos das independências dos países africanos de língua oficial portuguesa e de Timor-Leste. Propõe-se como um espaço de reflexão crítica e de diálogo multidisciplinar, transnacional e intergeracional sobre os processos de luta e as conquistas alcançadas após as independências da Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e de Timor-Leste, onde a independência foi adiada durante 24 anos.

Convidando pessoas intervenientes nestes processos o colóquio promove uma avaliação dos caminhos que conduziram às independências políticas, o que passa pelo reconhecimento do papel desempenhado pelos movimentos nacionalistas na articulação das aspirações dos seus povos no contexto da luta emancipatória em curso nos continentes africano e asiático e na galvanização de movimentos de mudança e dos seus programas.

A questão que hoje emerge é a seguinte: para além da independência política o que é que foi alcançado? Avaliar estes legados passa, portanto, e igualmente por uma reflexão crítica que promova uma visão alargada das independências nas suas várias declinações. Assim revisitando hoje estas memórias questiona a independência como uma condição necessária para o desenvolvimento, a democracia, a paz, os direitos humanos e o meio ambiente.

Com um enfoque particular nas histórias destes povos, cujas lutas pela autodeterminação se destacaram por percursos complexos e interligados, o colóquio está estruturado em torno de quatro grandes temas: memórias e compromissos das independências; continuidades dos processos de libertação no Sul global; legados, heranças e políticas transformadoras; e futuros próximos que apontem para a reinvenção da democracia e da cidadania global.



Cartaz do colóquio e Luandino Vieira, um dos participantes

NO DIA 15 DE MAIO O COLÓQUIO inicia-se com uma sessão sobre “Memórias e compromissos das independências” que reúne testemunhos e memórias de quem viveu esta transição política nos diferentes países, destacando-se nomes como o escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, a jurista Francisca Van Dunem, o escritor angolano José Luandino Vieira, a poeta, investigadora e política guineense Odete da Costa Semedo e a diplomata timorense Pascoela Barreto.

A parte da tarde é dedicada à reflexão sobre as “Continuidades dos processos de libertação no Sul global”. Para além dos processos de independência, procurar-se-á também refletir sobre a contribuição de Angola e Moçambique para a emancipação política do Zimbabwe, da Namíbia e da África do Sul e sobre o apoio destes jovens países africanos a outras lutas anticoloniais de que, dentro do contexto da língua

oficial portuguesa, Timor-Leste é um exemplo importante. Participarão convidados como o historiador e professor da Howard University Jean Michel Mabeko-Tali, o economista e professor Carlos Castel-Branco e o jurista Jorge Graça.

O segundo dia, 16 de maio, abre com um momento reflexivo em torno de “Legados, heranças e políticas transformadoras”. Serão privilegiadas análises sobre o caminho percorrido, reconhecendo a diversidade e a complexidade do pensamento e da política destes países. Como se transformou o Estado, para que as culturas, línguas e tradições ricas e diversificadas destes povos fossem parte integrante da riqueza destes novos estados, servindo de base a modelos e estratégias políticas de desenvolvimento inovadoras? Entre os participantes estarão Inocência Mata, crítica literária e professora, Carlos Sérgio Monteiro Ferreira, jornalista, ensaísta e poeta, o historiador

Benedito Machava e Laura Soares Abrantes, representante permanente de Timor-Leste junto da CPLP.

A ÚLTIMA SESSÃO ABORDA

“Futuros próximos para redesenhar a democracia, os direitos humanos, o desenvolvimento e o meio ambiente” articulados a partir do olhar da geração mais jovem. Os problemas vividos por estes países comprometem a legitimidade e a eficácia das suas instituições, minando a confiança das populações nos seus dirigentes e na sua visão do futuro. Será que estes estados precisam de redefinir e reafirmar a sua independência face a novas formas de opressão nos contextos atuais? Como é que a geração mais jovem vê esta viagem, onde a luta pela justiça social e económica, sobretudo através da paz e da democracia, são conceitos chave?

Tais desafios abrem para uma visão outra destes países, onde as independências são reequacionadas em função dos contextos contemporâneos, numa busca de prosperidade, paz e independência para todas e todos. Para esta sessão teremos o ativista guineense Sumaila Jaló, o filósofo e escritor moçambicano Jessemusse Cacinda, o investigador Victor Barros e a ativista timorense Berta Antonieta Tilman.

O colóquio contempla ainda a projeção de dois documentários, no final de cada dia, e a apresentação de livros. No dia 15, pelas 17 h, será apresentado o documentário de Isabel Noronha e Camilo de Sousa *Sonhámos um País*; a 16, pelas 17 h, o documentário de Sandra Inês Cruz, *Chão Verde de Pássaros Escritos* que acompanha o percurso de José Luandino Vieira em direção a uma Angola livre.

Nas pausas de café pela tarde haverá ainda conversas à volta de livros. No primeiro dia teremos uma conversa entre Celso Braga Rosa, autor de *Sobretudo a Agonia - Angola, memórias de uma guerra íntima* (Afrontamento, 2025) e a ensaísta, poeta e política guineense Odete Semedo que apresentará o seu livro *As Mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura* (Afrontamento, 2024); no dia 16 será a vez dos escritores moçambicanos, Luís Bernardo Honwana, a partir do seu livro de ensaios *A Velha Casa de Madeira e Zinco* (Alcance Editores) e do filósofo, editor e escritor Jessemusse Cacinda, autor de *Kwashala Blues* (Ethale, 2023) entre outros escritos. ❏



A questão que hoje emerge é a seguinte: para além da independência política o que é que foi alcançado? Avaliar estes legados passa igualmente por uma reflexão crítica que promova uma visão alargada das independências nas suas várias declinações